

RECENSÕES CRÍTICAS REVIEWS

**Sophie Shorland, *The Lost Queen: The Surprising Life of Catherine of Braganza, Britain's Forgotten Monarch.*
London: Atlantic Books, 2024. 332 pp.**

Maria da Conceição Emiliano Castel-Branco
(NOVA FCSH/CETAPS)

A publicação recente, em Junho de 2024, de uma biografia em língua inglesa sobre D. Catarina de Bragança insere-se num contexto em que as narrativas sobre rainhas têm ganho maior destaque entre os leitores, acompanhando o florescimento de várias áreas de estudo no século XXI. Entre estas, destacam-se os estudos sobre a monarquia, em particular sobre a Inglaterra da Restauração (1660-1685), que têm conhecido um impulso significativo graças a novas abordagens metodológicas e teóricas. Tradicionalmente, a historiografia sobre este período privilegiava a figura masculina do soberano, centrando-se nas dinâmicas de poder associadas ao rei e retratando a corte como um espaço de frivolidade, hedonismo e libertinismo.¹ Contudo, os estudos recentes sobre

-
1. Relativamente à análise das dinâmicas de poder centradas no rei, é relevante mencionar que, durante muito tempo, várias obras sobre o período da Restauração focaram-se predominantemente nas figuras femininas associadas ao monarca, como as suas amantes e respectivos círculos de influência, negligenciando a figura da rainha consorte. Para alguns autores, falar da Restauração era frequentemente falar do monarca e das suas diversas companhias femininas. Como observa Shorland, autora da biografia em apreço, "It is often forgotten that, while her husband had plenty of lovers, Catherine was still the queen. Throughout history, she has been compared unfavourably with her husband's mistresses, the real women who ran the show. In the last century, there have been at least four books written about the mistresses, with two in the last decade." (*The Lost Queen*, 4) No entanto, tal como Shorland demonstra, e como tive oportunidade de abordar em diversos estudos, destacando-se a minha tese de doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses – *A Melhor Jóia da Coroa: Representações de D. Catarina de Bragança*

o papel das mulheres têm ampliado este quadro, evidenciando a influência de consortes, rainhas viúvas, regentes e outras figuras femininas na corte. Embora frequentemente subestimadas, estas mulheres desempenharam papéis relevantes, com impacte significativo tanto na política como na cultura da época.

D. Catarina de Bragança, consorte de Carlos II de Inglaterra, exemplifica de forma paradigmática a reavaliação histórica promovida pelos *queenship studies*, cujo desenvolvimento tem procurado reavaliar e reconceptualizar o papel das rainhas, destacando a sua relevância tanto na esfera pública como na privada.² Durante muito tempo, a historiografia inglesa negligenciou o seu papel, apresentando-a como uma figura marginal, frequentemente ofuscada por múltiplas personagens como Barbara Palmer, duquesa de Cleveland e condessa de Castlemaine, amante do rei e mãe de vários dos seus filhos ilegítimos, o que contribuiu para a sua desvalorização nas narrativas históricas dominantes, onde visões depreciativas, como a de T. B. Macaulay,³ eram comuns.

Contudo, graças à publicação de obras recentes, como a biografia de Sophie Shorland, e ao avanço de novas abordagens nos estudos sobre as rainhas, a trajetória de D. Catarina enquanto rainha consorte e o seu papel na aliança diplomática entre Portugal e Inglaterra têm sido objeto de reconsideração: “Despite Catherine of Braganza’s crucial place in British history, and that of its Empire, she has since been overshadowed by stories of the king’s many mistresses and forgotten as Charles II’s boring, powerless wife. This could not be further from

na Literatura Inglesa. 2 vols. (Lisboa: FCSH-UNL, 2005) –, a vida e o papel de D. Catarina de Bragança como consorte da Restauração não devem, nem podem, ser subestimadas.

2. Veja-se, a título de exemplo, a colecção *Queenship and Power*, da editora Palgrave Macmillan, que conta com mais de 70 volumes publicados. A colecção abrange obras sobre a realeza feminina na Grã-Bretanha e na Europa, além de incluir estudos sobre rainhas em outras partes do mundo, incluindo trabalhos especializados nas áreas de género, estudos da mulher, análise literária, bem como história cultural, política, constitucional e diplomática. O objetivo é expandir a compreensão das estratégias adotadas pelas rainhas – consortes, reinantes ou regentes – para exercerem poder político dentro de estruturas sociais patriarcais dominadas por homens. É de destacar, também, a colecção mais recente, *Lives of Royal Women*, da editora Routledge, Taylor & Francis Group, abrangendo três vertentes diferentes: Rainhas de Inglaterra, Rainhas e Imperatrizes da Europa e Mulheres da Realeza no Mundo.
3. T.B. Macaulay, *The History of England from the Accession of James the Second*. Leipzig, Bernh: Tauchnitz, 1848, vol. I.

the truth.”⁴ Estes trabalhos destacam-na como uma figura activa e estratégica, desafiando a tradicional imagem de uma consorte passiva e irrelevante. Este novo impulso nos estudos sobre rainhas consortes reflecte uma revalorização do papel que estas desempenharam na História, colocando figuras como D. Catarina no centro de investigações recentes. A publicação de textos académicos em língua inglesa ao longo do século XXI tem contribuído para aprofundar o conhecimento sobre a rainha consorte de Carlos II, destacando-a como agente diplomático, político, cultural e religioso no contexto da monarquia da Restauração.⁵ Trabalhos como os de Eilish Gregory têm desafiado a percepção histórica negativa associada a D. Catarina, frequentemente reduzida à sua condição de estrangeira e católica, e à sua incapacidade de gerar um herdeiro, contribuindo para destacar o seu sucesso como rainha consorte, uma posição que, aliás, a biografia de Sophie Shorland reforça:

Queen Catherine of Braganza is generally forgotten in the history books of early modern British history. Usually consigned to fleeting references among contemporaries and historians, she has faded into the background due to her ‘failure’ as a queen consort to provide a legitimate heir for King Charles II. (Gregory, “Catherine of Braganza’s Relationship with her Catholic Household”, 129)⁶

A biografia *The Lost Queen: The Surprising Life of Catherine of Braganza, Britain’s Forgotten Monarch*, resulta de uma investigação em

-
4. “The Lost Queen. The Surprising Life of Catherine of Braganza, Britain’s Forgotten Monarch, by Sophie Shorland”. Atlantic Books, June 2024 <https://atlantic-books.co.uk/book/the-lost-queen/>
 5. A quantidade de artigos científicos publicados demonstra o crescente interesse pela figura da Rainha consorte de Carlos II. Destacam-se Leech (2001), Wynne (2001), Corp (2002), Madway (2012), Johnson (2013), Linnell (2017), Morton (2017), Gregory (2019), Hayward (2019), Griffey (2020), Porter (2020), Reutcke (2021), Flor (2022), Lyon-Whaley (2022), Shorland (2022), Gregory (2023), Goldthorpe (2023), Hayward (2024), Gregory e Questier (2024) e ainda Woodacre (2024). Excluem-se, neste elenco, artigos de divulgação e os romances históricos em língua inglesa em que D. Catarina é protagonista. Cf. M.C.E. Castel-Branco, “(Re)Descobrir D. Catarina de Bragança: Variações de um Caso Anglo-Português em Romances Históricos do Século XX em Língua Inglesa.” *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/ Journal of Anglo-Portuguese Studies*, n.º 25. Dir. Gabriela Gândara Terenas. Lisboa: CETAPS/NOVA FCSH/FCT, 2016: 339-364. ISSN: 0871-682X.
 6. In *Forgotten Queens in Medieval and Early Modern Europe: Political Agency, Myth-Making, and Patronage*. Ed. Valerie Schutte and Estelle Paraque. Abingdon: Routledge, 2019.

fontes historiográficas impressas e manuscritas, como se pode verificar pela extensa bibliografia primária e secundária e pelas prolíficas notas que acompanham os capítulos. Sophie Shorland é doutorada em English and Comparative Literary Studies pela Universidade de Warwick, onde foi Research Fellow. A sua pesquisa debruçou-se sobre a cultura, literatura e sociedade da Era Moderna (*Early Modern Period*). Em 2019 foi semi-finalista no prestigiado programa *BBC New Generation Thinkers*, uma colaboração entre a BBC e o Arts and Humanities Research Council (AHRC), que visa aproximar o trabalho de jovens académicos do grande público.⁷ Em 2020, a sua proposta *The Portingall Queen* foi seleccionada como uma das seis finalistas do Prémio Tony Lothian,⁸ atribuído pelo Biographers' Club de Londres para reconhecer propostas promissoras de novas biografias. Tendo em conta o contexto desta recensão, destaca-se, entre os seus estudos publicados, o capítulo "Catherine of Braganza: The Politician" incluído na obra *Tudor and Stuart Consorts*.⁹ A biografia *The Lost Queen*, baseada na proposta finalista no Prémio Tony Lothian, foi publicada pela editora Atlantic Books no Reino Unido e pela Pegasus nos Estados Unidos em 2024.

D. Catarina de Bragança (1638-1705), rainha consorte de Carlos II de Inglaterra, apesar de frequentemente ofuscada pelas amantes do monarca, foi a figura feminina mais importante na corte da Restauração inglesa. O casamento da infanta portuguesa em 1662, resultante de meses de negociações diplomáticas internacionais, consolidou a Aliança Anglo-Portuguesa com a entrega de importantes territórios como Bombaim e Tânger no seu dote. A rainha deixou um legado que se manifesta em diversos aspectos culturais, artísticos e históricos, destacando-se pela sua diplomacia activa, através de

7. Cf. <https://www.ukri.org/what-we-do/developing-people-and-skills/ahrc/early-career-researchers-career-and-skills-development/develop-your-media-skills-with-the-new-generation-thinkers-scheme/>

8. O Prémio Tony Lothian é atribuído anualmente pelo Biographers' Club de Londres à melhor proposta de biografia de um autor estreante neste subgénero narrativo, com o objetivo de incentivar e promover novas vozes no campo da biografia literária.

9. V. Sophie Shorland, "Catherine of Braganza: The Politician." *Tudor and Stuart Consorts*. Eds. A. Norrie, C. Harris, J.L. Laynesmith, D.R. Messer e E. Woodacre. Queenship and Power. Palgrave Macmillan, 2022, 271-290 https://doi.org/10.1007/978-3-030-95197-9_16

correspondência com governantes e cortes europeias, visitas estratégicas e protecção a aliados, tendo também a sua viagem e chegada a Inglaterra e a Londres sido um acto diplomático. Como observa a biógrafa, a corte de Carlos II é frequentemente associada a hedonismo e libertinismo. Contudo, a Restauração foi também uma época de avanços científicos e culturais, e de desafios como a peste e o Grande Fogo de Londres. D. Catarina e Carlos II sobreviveram a estas crises e participaram na reconstrução da capital liderada por Christopher Wren. Carlos II interessava-se pelas descobertas de Isaac Newton, partilhando o entusiasmo pelas observações astronómicas. Presente em todos os momentos relevantes do reinado, D. Catarina foi frequentemente relegada para a sombra de outras figuras da corte, um esquecimento que tem vindo a ser contrariado nas últimas décadas. No final da sua vida, como regente de Portugal, reforçou a Aliança Anglo-Portuguesa, que perdura até hoje. A sua presença em Inglaterra inspirou representações literárias prolíficas e variadas,¹⁰ algumas das quais dignas de destaque. Não teve possibilidade de fazer grandes reformas sociais, mas sempre defendeu mais liberdade para as mulheres e ordenou, no seu testamento, a libertação dos escravos da sua casa real. Enfrentou as provações da conspiração papista ou *Popish Plot*, uma terrível perseguição aos católicos em Inglaterra, garantindo a liberdade de culto para si e para os membros da sua corte.

É com entusiasmo que acolhemos a publicação desta biografia que pretende devolver à Rainha Consorte o lugar central que lhe é devido na história da Restauração. Dirigindo-se a um público nacional e internacional,¹¹ a recente publicação de uma biografia em língua inglesa sobre D. Catarina de Bragança reveste-se de grande relevância

-
10. Para além da Tese de Doutoramento já mencionada, veja-se, a título de exemplo, outros artigos de minha autoria como "As Comemorações, a Poesia e as Artes do Espectáculo por Ocasão do 350º Aniversário da Entrada em Londres da Rainha D. Catarina de Bragança pelo Rio Tamisa". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, nº 22. Coord. M. Leonor Machado de Sousa. Lisboa: CETAPS, 2013:71-103 <http://run.unl.pt/bitstream/10362/14709/1/REAP22.pdf>, e "Poesia Inglesa sobre D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/Journal of Anglo-Portuguese Studies*, nº 28. Dir. Gabriela Gândara Terenas. Lisboa: CETAPS, 2019: 27-36 <https://doi.org/10.34134/reap.1991.208.27>.
 11. A tradução em português da obra de Shorland com o título *A Rainha Perdida. A vida surpreendente de Catarina de Bragança, a monarca esquecida da Grã-Bretanha*, por Susana Sousa e Silva, foi publicada pela Editora Objectiva, Lisboa, no mês de Novembro de 2024.

por diversos motivos históricos, culturais e políticos em particular no cruzamento entre os Estudos Anglo-Portugueses e os Estudos sobre Rainhas (*queenship studies*), no âmbito mais alargado dos Estudos sobre Monarquia e Restauração de Inglaterra. A autora vai além de um simples retrato da Rainha: oferece uma visão abrangente do contexto histórico, bem como uma representação vibrante da vida na corte durante a Restauração. A biografia em apreço é uma obra bem fundamentada e com relevância quer para um público académico, quer como obra de divulgação para um público mais vasto. Shorland segue uma metodologia cuidadosa ao apresentar figuras históricas que interagiram com D. Catarina, descrevendo-as a partir de pinturas e relatos da época, o que permite uma proximidade entre a cultura e o quotidiano na corte.

O título e o subtítulo sugerem duas linhas de reflexão. Por um lado, *The Lost Queen* indica a relevância académica de resgatar do esquecimento a figura de D. Catarina de Bragança, oferecendo uma narrativa repleta de pesquisa histórica. A palavra *lost* sugere uma narrativa de redescoberta, insinuando que a Rainha terá sido injustamente apagada das narrativas históricas dominantes e sublinhando o carácter marginalizado ou esquecido da figura de D. Catarina em grande parte da historiografia britânica até ao século XX. Por outro lado, os atributos no subtítulo, *The Surprising Life e Britain's Forgotten Monarch*, reiteram de algum modo o título, dando ênfase ao carácter inesperado ou subestimado da sua vida, o que sugere uma tentativa de reavaliação do seu percurso.

Dividida em capítulos que reflectem as várias fases da vida de D. Catarina, a biografia segue uma estrutura que combina a cronologia com abordagens temáticas. Os dez capítulos realçam diferentes facetas da sua personalidade e da sua experiência como Rainha Consorte, abrangendo tanto incidentes políticos e diplomáticos quanto aspectos mais íntimos e sociais da vida na corte. No primeiro capítulo, "Assassination, Education and an Accidental War", Shorland aborda tópicos relacionados com política e conflito: a crise de sucessão, o golpe da nobreza portuguesa para restaurar a independência de Portugal, o assassinato de Miguel de Vasconcelos, a aclamação de D.

João IV como rei de Portugal. Estabelece um contexto de tensão política que permeia a narrativa e que retoma quando aborda conspirações e alianças. Em “A Play for the Throne”, segundo capítulo, destaca dinâmicas de poder, as lutas da Restauração em Portugal, o prestígio da casa de Bragança e as vicissitudes para manter o trono. Este vai ser um tópico recorrente ao longo da biografia, pois o risco de manter a coroa era também uma das principais preocupações de Carlos II, depois do regresso do exílio, aclamação e coroação como Rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda.

A biografia não se limita aos aspectos políticos, aprofundando igualmente as dinâmicas interpessoais da corte inglesa. Nos capítulos “Marriage and the Mistress” e “Divorce”, Shorland analisa as tensões geradas pelas infidelidades de Carlos II e pela constante presença das suas amantes, frequentemente em contacto direto com D. Catarina nos espaços privados da corte. Este cenário contrasta fortemente com o ambiente recatado em que D. Catarina cresceu em Portugal, sublinhando as diferenças culturais entre as duas cortes. Como a autora salienta, a corte portuguesa era marcada por maior reserva,¹² criando uma discrepância cultural que contribuiu para o choque inicial que D. Catarina enfrentou ao integrar a corte inglesa da Restauração. Nos capítulos quinto e sexto intitulados “Fashion and Frivolity” e “Plague, Fire and New York City”, Shorland destaca aspectos culturais da época e o impacte de acontecimentos históricos na sociedade e na corte. Os capítulos nono e décimo, “The Queen Dowager” e “Return and Regency”, abordam questões de identidade e regência; exploram a transição de D. Catarina de rainha consorte a rainha viúva e, finalmente, regente, refletindo sobre o seu papel político e dupla aculturação no regresso a Portugal. O capítulo oitavo, “Plots True and False”, explora criticamente as intrigas e falsidades que atormentaram e colocaram em perigo D. Catarina, incluindo as pressões para um

12. Sobre este tópico, Shorland menciona a discrição que se vivia na corte portuguesa relativamente ao comportamento do pai de D. Catarina, D. João IV: “Her father’s affairs were discreet, with no mistresses flaunting their power at court. He only had one illegitimate child that we know of, and she was educated far from her half-siblings; they might not even have known about her. Their mother certainly did not believe in noticing such things.” (32)

eventual divórcio e as falsas acusações de conspiração contra o Rei. Embora não tenha conseguido gerar um herdeiro legítimo, Shorland destaca a lealdade mútua entre a consorte e Carlos II, desafiando a imagem tradicional de uma rainha marginalizada. Neste contexto, pode recordar-se uma importante declaração de Carlos II em defesa de D. Catarina, não mencionada nesta biografia, a propósito de rumores sobre a legitimidade do seu casamento e a possibilidade de um casamento seu anterior: “I do here declare in the presence of Almighty God, that I never was married nor gave any contract to any woman whatsoever but to my wife, Queen Catherine, to whom I am now married.”¹³

Os paratextos – ilustrações, prólogo e epílogo, notas de fim de capítulo, bibliografia e agradecimentos – se, por um lado, enriquecem a obra para um leitor especializado, também aumentam a sua acessibilidade para o público geral. As ilustrações, organizadas em dois conjuntos criteriosamente seleccionados, cumprem um duplo propósito estético e informativo e contextualizam visualmente o período. Deste modo, complementam a análise crítica da autora e proporcionam uma imersão intermedial na cultura material da época, retratando a realidade portuguesa e inglesa associada à vida de D. Catarina de Bragança. A inclusão de uma lista inicial de personagens-chave revela-se especialmente útil para quem não está familiarizado com a Aliança Anglo-Portuguesa, a época da Restauração, a monarquia e os enredos da corte de Carlos II, assim como os principais acontecimentos da época.

Uma biografia, na definição de Lee,¹⁴ é a narrativa de uma pessoa contada por outra, implicando, necessariamente, uma reconstrução que, ainda que alicerçada na verdade, é moldada pelas escolhas, organização dos acontecimentos e pelo conhecimento das fontes disponíveis. A obra de Shorland cumpre o propósito de explorar uma vida que, para além da sua relevância pessoal, assume um

13. Charles II, “Declaration to all loving subjects, Whitehall, June 2, 1680.” *The Letters, Speeches and Declarations of King Charles II*. Ed. Arthur Bryant. London: Cassell & Company Ltd., 1968. 311.

14. Hermione Lee, *Biography: A Very Short Introduction*. Very Short Introductions. Oxford, 2009. 5.

papel central na história política e cultural. Ao tornar-se consorte de Carlos II, D. Catarina transportou para a corte inglesa não apenas um dote substancial e riquezas provenientes do império português, mas também influências culturais que marcaram a sociedade da época: introduziu hábitos como o consumo social de chá e a utilização de porcelanas, incentivou formas de expressão artística e musical na sua capela católica e consolidou o vínculo anglo-português, promovendo valores de diplomacia e preservando a sua identidade religiosa e cultural. Assim, a biografia de D. Catarina não só narra a vida de uma figura histórica, mas também revela as suas múltiplas contribuições enquanto agente de transformação numa encruzilhada entre culturas e tradições.

A proposta de Sophie Shorland, em *The Lost Queen*, tem como objetivo apresentar D. Catarina de Bragança não como uma figura idealizada nem como uma personagem denegrida, mas como uma mulher inserida no seu tempo, marcado por transformações científicas, sociais e globais, cujo impacto se fez sentir de forma significativa no mundo que a rodeava. (6) Essa abordagem distingue-se da historiografia inglesa tradicional, que perpetuou uma visão depreciativa da Rainha, mas também de interpretações quase hagiográficas, como a apresentada por Lillias Campbell Davidson em *Catherine of Bragança, Infanta of Portugal & Queen-Consort of England* (1908).¹⁵ Davidson ofereceu uma narrativa apologética, comparando D. Catarina, “one of the purest women who ever shared the throne of England,” (Davidson 3) à figura bíblica de Lot numa corte descrita como corrupta e decadente, semelhante à Roma imperial. Apesar do discurso moralizante e de algumas críticas que apontam a falta de exploração de aspectos da personalidade de D. Catarina e das suas interações pessoais, a obra de Davidson destaca-se por ser a primeira biografia dedicada exclusivamente à rainha, sendo reconhecida pela profundidade da investigação e pelo enquadramento político e cultural da época, tornando-se referência indispensável nos estudos

15. Lillias Campbell Davidson, *Catherine of Bragança, Infanta of Portugal, & Queen-Consort of England*. London: John Murray, 1908.

sobre a rainha e a aliança luso-britânica. Shorland valoriza o pioneirismo de Davidson, mas apresenta uma D. Catarina multifacetada e mais realista, capaz de reflectir as tensões e desafios de uma mulher num contexto de mudança e conflito, distanciando-se do tom encomiástico e propondo uma interpretação historicamente equilibrada, que reavalia o legado e a relevância histórica da rainha. *Catherine of Braganza*, a biografia de Janet Mackay publicada em 1937,¹⁶ é uma obra detalhada e rigorosa, sustentada por pesquisa meticulosa, que trouxe novas perspectivas sobre a vida e o papel de D. Catarina na corte inglesa. A autora destaca-se por enfatizar a dimensão pessoal e emocional da Rainha, explorando as suas experiências enquanto mulher numa corte marcada por intrigas e desafios. A sua abordagem oferece uma visão mais íntima e psicológica da consorte, proporcionando uma narrativa possivelmente mais envolvente e acessível do que a biografia anterior de Davidson.

A obra de Shorland, num estilo vivo e cativante, inclui um aspecto fundamental da vida de D. Catarina de Bragança: a dupla aculturação que enfrentou com sentido de dever, honestidade e lealdade na vida em Inglaterra e no regresso a Portugal. Embora tenha sido vista como uma figura singular, D. Catarina também se destacou por ser uma pessoa extraordinariamente normal, característica que, não sendo apreciada na corte do século XVII com os seus excessos e excentricidades, é hoje amplamente compreendida. Esta singularidade da normalidade é uma marca fundamental da Rainha de Inglaterra, como pude observar num artigo de minha autoria.¹⁷ D. Catarina destacou-se também pela sua actuação diplomática e pelas suas visitas a cidades como Bath, Tunbridge Wells e Oxford ao longo dos trinta anos que viveu em Inglaterra, dos quais vinte e três como Rainha Consorte. Tendo em conta o seu impacte cultural e político, é evidente que D. Catarina merece um reconhecimento muito maior do que aquele que tem recebido. A biografia de Sophie Shorland desempenha um papel

16. Janet Mackay, *Catherine of Braganza*. London: John Long Limited, 1937.

17. Maria da Conceição Emiliano Castel-Branco, "D. Catarina de Bragança, Filha de Portugal: Singularidade da Normalidade." *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, n.º 17. Lisboa: Edições Colibri/ Universidade Nova de Lisboa, 2007. 153-64.

crucial na correcção ou reequilíbrio do apagamento da sua figura na historiografia inglesa dos últimos séculos.

No entanto, apesar do contributo significativo para recentrar D. Catarina de Bragança na História, a obra de Shorland apresenta algumas falhas, algumas factuais, que comprometem o seu rigor. Essas inconsistências, que poderão ser corrigidas numa eventual segunda edição, necessitam de rectificação para que a obra mantenha o nível de qualidade que pretende e merece alcançar. Entre as falhas, destaca-se a incorrecção da data de nascimento da Infanta. Embora a autora mencione que D. Catarina tinha dois anos em 1640, ano da Restauração de Portugal – o que coincide com a data correcta de 1638 – afirma explicitamente que a Infanta nasceu em 1640. Outra imprecisão refere-se ao casamento de D. João IV, referido como tendo ocorrido no Outono de 1633. No entanto, a cerimónia religiosa posterior, realizada em Elvas, é indicada como tendo acontecido em 13 de Janeiro de 1632, quando, na realidade, ocorreu em 12 de Janeiro de 1633. Também é de lamentar a designação de *Sir* Richard Bellings como “confessor” de D. Catarina, quando, na verdade, ele era o seu secretário e casado com uma filha da influente família católica dos Arundells. Além disso, há uma confusão quanto à data de publicação da biografia de Lillias C. Davidson, mencionada como 1928, quando foi publicada em 1908. Outros problemas surgem na forma como algumas fontes são referenciadas nas notas de fim de capítulo e na bibliografia, no que diz respeito a apelidos dos autores, particularmente em fontes portuguesas, mas também em exemplos ingleses.

Embora Shorland não seja historiadora de formação, as imprecisões nas datas e referências, exigem maior atenção de modo a garantir a precisão histórica necessária, principalmente se a obra se destina também a um público especializado. No entanto, as falhas apontadas não diminuem a qualidade geral da obra. Pelo contrário, o livro destaca-se como uma contribuição valiosa para os *queenship studies* e para a compreensão do papel de D. Catarina de Bragança na história luso-britânica. Os pormenores historiográficos, aliados a uma linguagem acessível e cativante, torna esta biografia uma leitura essencial para quem deseja compreender a vida e o contexto de uma rainha

frequentemente esquecida, mas cujo impacto merece ser reavaliado e reconhecido.

The Lost Queen cumpre com sucesso o objetivo de resgatar D. Catarina do esquecimento, apresentando-a não como uma figura passiva, mas como uma mulher corajosa e decidida, capaz de construir e proteger o seu próprio círculo de influência numa corte dominada pelas amizades e pelas sucessivas amantes do rei. Com uma abordagem perspicaz e empática, Shorland ilumina facetas inesperadas da personalidade da rainha consorte, destacando o seu mecenato cultural, a sua diplomacia e a sua defesa intransigente do catolicismo. O retrato de D. Catarina aqui apresentado é muito mais abrangente e dinâmico do que o de biografias anteriores, oferecendo uma visão renovada da sua vida e do seu legado. Além disso, Shorland consegue fazer justiça ao contexto histórico, mostrando como a vida da Rainha esteve entrelaçada com os grandes acontecimentos do seu tempo, desde as intrigas políticas da corte até ao impacto das aspirações coloniais britânicas. A obra não se limita a narrar a história pessoal da Rainha, oferecendo também um retrato detalhado da época e da corte inglesa da Restauração. Em suma, a biografia de Sophie Shorland não só preenche uma lacuna na historiografia sobre D. Catarina de Bragança, mas também se afirma como uma obra que conjuga erudição e acessibilidade, oferecendo ao leitor um retrato complexo e humano de uma figura histórica injustamente esquecida e subestimada.